

Política externa

■ Carlos Conde

Divida externa América Latina gritará unida

Está decidido: os principais países da América Latina que possuem elevada dívida externa e enfrentam dificuldades para pagá-la vão divulgar proximo um documento. Já garantiram sua assinatura o Brasil, a Argentina, o México e a Venezuela. A participação brasileira, que já era quase certa, foi oficializada ontem, durante a visita a Brasília do chanceler argentino, Dante Caputo.

O documento vai somar todas as coincidências que unem os quatro países no problema da dívida e que vêm sendo trabalhadas cuidadosamente em contatos de bastidores. O papel será, também, a média do tom com que os quatro governos (e, eventualmente, mais um ou dois) utilizaram em momentos importantes nos últimos meses. O mais importante deles o da semana passada, quando a taxa de juros subiu nos Estados Unidos, fazendo subir inexoravelmente os compromissos dos respectivos países. Estamos falando, como se sabe, em milhões e milhões de dólares. A expectativa realista é de que a taxa possa chegar, até agosto, ao desagradável número 14.

O que os quatro "grandes" e mais um ou dois comparsas vão dizer ao Norte é que é preciso salvar a galinha dos ovos de ouro. Do jeito que as coisas vão os Estados Unidos, seus parceiros e os bancos privados acabam matando a galinha, o que é mal para todos. O presidente Ronald Reagan, que neste momento só pensa na reeleição, pareceu entender o recado e falou quase na linha dos países reclamantes. Ele não quer ver, pela frente, nada que possa, sequer de longe, ferir seu sonho de prosseguir na Casa Branca, o que também é mal para todos nós.

A vinda do chanceler Caputo permitiu atualizar e aprofundar o tema do documento conjunto que a América Latina mandará aos ares oportunamente. E, também, estimular a criação ou aperfeiçoamento de mecanismos de consulta que mantenham os países assolados pela dívida externa bem a par dos acontecimentos. A informação deve ser rápida, esclarecedora. Um país deve inteirar-se logo sobre os problemas do outro. Cada qual terá suas próprias peculiaridades, mas sempre será possível somar afinidades e trabalhar em favor de uma estratégia comum. Unidos eles creem que enfrentarão com maiores possibilidades os gigantes que

dormem em berço esplêndido (esses, sim) acima da linha do Equador.

A Argentina tem pressa. Ela conseguiu, com a ajuda do Brasil e outros parceiros latino-americanos, um desafogo para alguns meses. Foi um gesto simbólico importante, a demonstração de um estilo não ortodoxo em matéria de composição da dívida. Mas isso não dura sempre. E os países que ajudaram a Argentina (entre eles o Brasil) não têm, na verdade, muita autoridade financeira para bancar o jogo. A realidade está chegando, junho se aproxima. E preciso ajustar-se às velhas regras, ou virar a mesa e propor novas. Para isso é necessário força política. O Sul tem pouca, mesmo unido. Então, esbraveja. O que é um recurso. Com o auxílio dos condicionamentos de Reagan, por causa da eleição de novembro, a grita pode trazer algum lucro.

A pressa da Argentina foi expressa em tom duro por Caputo, bem mais forte que o de Guerreiro. No discurso no Palácio Itamaraty ele classificou de "arbitrárias" as resoluções do sistema financeiro internacional. Na entrevista à imprensa, quando a noite já descia sobre Brasília com sua formosa lua, o visitante subiu alguns decibéis. Ele chamou de "irresponsável" o aumento da taxa de juros nos Estados Unidos.

Esse foi, de longe, o tema mais importante da rápida visita do chanceler Caputo. Outro temas, porém, não ficaram bem esclarecidos. À frente deles, o do encontro Figueiredo-Alfonsín, que se transformou em uma cruel dúvida: por que demora tanto? O Itamaraty e o Palácio San Martín juram que está tudo azul na América do Sul e que a definição do encontro é só uma questão de oportunidade, de agenda.

Não é bem assim. Se as relações entre Brasil e Argentina são ótimas, se existe a idéia comum de que sigam assim, se a união de ambos é fundamental e se nenhuma dificuldade surge na linha do horizonte o encontro já deveria ter sido marcado. Comissões técnicas encontraram-se, os dois chanceleres estiveram juntos em Quito, Montevidéu e agora em Brasília. As equipes de planejamento político deram-se muito bem. Alfonsín já tomou posse há vários meses. Então, a pergunta: o que falta para que um amor tão proclamado em prosa e verso fique só nas palavras, pensando que dispensa a prova provada dos fatos? Falta alguma coisa, que não se sabe bem direito o que é.

Há desconfianças. Uma delas, a de que a largada do governo Alfonsín não agradou muito ao governo e ao regime brasileiros, especialmente aos seus setores duros. Não pode cair bem, por aqui, a idéia de que logo ali, do outro lado do rio da Prata, generais, almirantes e brigadeiros estão na cadeia, ou submetidos a processo policial e judicial. É preciso que eles sejam soltos ou que a memória deles se dilua um pouco nestas bandas para que o encontro aconteça. De preferência na fronteira, onde seus efeitos externos serão menos dramáticos.